
“TERRA SEM HISTÓRIA”: o contraponto euclidiano às imagens subjetivas da Amazônia brasileira do século XIX.

Francinaldo de Jesus Moraisⁱ
Solange Santana Guimarães Moraisⁱⁱ

O Brasil é um país que possui vastas riquezas naturais, talvez advenha daí o grande interesse de outros povos, desde os tempos da colonização portuguesa, em participar dos “benefícios” ambientais presentes no solo brasileiro. A partir do “descobrimento” do Brasil, as imagens do conjunto de fauna e flora passaram a ser motivos de estudos, em forma de pesquisas e experiências científicas, com o intuito de compreender melhor as informações apresentadas sobre este país tropical desde a Cartaⁱⁱⁱ do escrivão Pero Vaz de Caminha (1450-1500) às impressões de viajantes como Hans Staden (2007), J. B. von Spix e C. F. P. von Martius (1938) e Auguste de Saint-Hilare (1939).

Com a *Carta* de Caminha, em meados do Século XVI, o Estado português pode tomar melhor conhecimento sobre o lugar Pindorama, como era chamado pelos nativos, cheio de uma vegetação e moradores exóticos. O escrivão lusitano descreveu o “achamento” com detalhes capazes de encantar os ouvidos e convidar os olhos a verificarem *in loco* as belezas e novidades encontradas. Trechos da carta auxiliam a compreensão do leitor:

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte e ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã é muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. (...) Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem (CAMINHA, 2003, p. 118).

Com essa descrição apaixonada, a terra “descoberta” passou a ter mais significação para os colonizadores. Tudo o que ali foi encontrado ganhou foros de grandeza, de poder; era um local em que tudo dava, era só explorar o que a terra oferecia. Isso tem desdobramentos até hoje, século XXI, já que o interesse pelas riquezas nacionais continua a chamar a atenção de outras economias, sendo foco de olhares ambiciosos por diferentes formas de cultura.

Como exemplo disso, menciona-se o fato da exploração, pelos estrangeiros, dos recursos naturais encontrados na Amazônia, tais como: plantas medicinais, extração de produtos minerais e vegetais, retirada de madeiras com fins de industrialização, nunca ter inteiramente cessado ao longo desses quinhentos anos.

O termo Amazônia advém de amazona, mulher guerreira da mitologia grega (Hipólita). O explorador espanhol Francisco de Orellana (1490-1550) narrou seu trágico encontro no Rio Grande sul-americano com as índias icamiabas ao imperador do Sacro Império Romano Carlos V de Habsburg (1500-1558) (e rei espanhol como Carlos I). Este decidiu batizar o rio andino-atlântico, palco do insucesso dos invasores espanhóis com o nome de Rio Amazonas. Amazônia como região surge por intermédio do barão brasileiro Frederico José de Santa-Anna Néri (1848-1901), no seu livro *O País das Amazonas* (1899).

A Amazônia é na verdade uma imensa floresta pluvial equatorial. “É a maior floresta tropical do mundo, totalizando cerca de 40% das florestas pluviais tropicais do planeta. No Brasil ela se estende por 3,7 milhões de km²” (MOREIRA; SENE, 2004, p. 145). É igualmente um espaço social e político, definido pela lei 5173/66 como Amazônia Legal, abrangendo nove estados, que, impulsionada pela combinação de fatores como imigração e criação de novos municípios, apresentava, em 2010, 70% de urbanização e 21 milhões de habitantes^{iv}, oriundos das mais distantes regiões do Brasil e dos mais diversos países do mundo. Os interessados nos estudos amazônicos têm a sua disposição o acervo com mais de 40 trabalhos no site da BEMOL (temas amazônicos), empresa criada pelo ex-professor da UFAM, o amazonólogo Samuel Isaac Benchimol (1924-2002).

A atualidade do interesse pelas riquezas da Amazônia é vez por outra manifestada. Um exemplo que pode ser citado refere-se ao e-mail-mensagem

que circula na internet desde o ano 2000 sobre a presença da mata brasileira como área norte-americana em livro de geografia adotado por escola pública naquele país. O suposto livro *Introdução a Geografia*, atribuído a David Norman, nunca foi encontrado, mas o jornal O Estado de São Paulo e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência-SBPC publicaram matérias sobre o assunto.

Igualmente atual, e também disponível na internet, existe o e-mail-mensagem *Roraima: acho que deveria saber*, atribuído aos professores Celso Luis Borges de Oliveira, da UNICAMP, e Mara Sílvia Alexandre Costa, USP, sobre a “ocupação branca” da Amazônia que americanos vêm realizando sem que as autoridades brasileiras se dêem conta. Há, ainda, também circulando virtualmente, o registro da provocação dirigida ao senador e professor Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque quando este ministrava palestra nos Estados Unidos. Um jovem estudante lhe questionou sobre a possibilidade da Amazônia vir a ser transformada em patrimônio da humanidade. A resposta do professor Cristovam Buarque está registrada no jornal O Globo (2000) e é fantástica!

Caso se considere os dois primeiros exemplos como boatos, dissociados de possíveis pretensões imperialistas norte-americanas, sobre parte do nosso território, e o segundo como mero ato de vaidade intelectual de um jovem acadêmico estrangeiro com o intuito de testar os conhecimentos de um cientista brasileiro, o que se poderá dizer dos trabalhos de Arthur Cezar Ferreira Reis, *A Amazônia e a Cobiça Internacional (1968)*; de Roberto Gama e Silva, *Olho Grande na Amazônia Brasileira (1991)*; de Samuel Benchimol, *Exportação da Amazônia Brasileira (1998)*; e, de Vários Autores, *As Concessões de Florestas Públicas na Amazônia Brasileira (2010)*? E, ainda, o que pensar da exploração realizada em 1982, na Amazônia, a bordo do *Calypso*, pelo oceanógrafo francês Jacques-Yves Cousteau (1910-1997) e retomada pelo seu filho Jean-Michel Cousteau em 2006? Cousteau e seu grupo são vistos pela comunidade científica como “destruidores de sítios arqueológicos” e “exploradores mercenários”. Trata-se de expedições financiadas por empresas como a multinacional norte-americana, fabricante de produtos químicos, Dow-chemical Products.

De volta à *Carta* de Pero Vaz de Caminha, provavelmente o primeiro texto a fornecer indicativos culturais e econômicos sobre a terra que hoje é o Brasil, trata-se de um documento mantido em segredo pelos portugueses até sua publicação em *Corografia Brasílica* (1817), estudo do padre Manuel Aires de Casal (1754-1821), sobre o qual é possível afirmar que serviu para dar suporte às discussões e/ou reflexões a partir de outras leituras que tratam da paisagem e da história brasileiras.

A *Carta* de Caminha é uma das bases documentais do debate historiográfico acerca do caráter intencional ou fortuito da chegada dos portugueses a Pindorama, vez que um dos fundamentos da tese do acaso, a presença de uma tempestade que teria forçado Cabral a se desviar do curso originalmente planejado, não é mencionada por Pero Vaz. Como explicar tamanha omissão por parte desse experiente escrivão real?

Isto mostra o vigor do texto de Caminha até hoje, pois os aspectos elencados na Carta serviram e servem de base para outros documentos, ensaios, romances que se encontram em forma de compêndios literários. Podem ser citados, ainda, como exemplos de outras pesquisas que buscam caracterizar as potencialidades culturais e econômicas da nação brasileira, os clássicos *Cultura e opulência do Brasil*, de J. A. Andreoni (1967) e *História econômica do Brasil (1500-1820)*, de R. Simonsen (1976).

Referindo-se ao trabalho em proposição, é pertinente dizer que se realiza aqui uma leitura livre do ensaio “Terra sem História” (Amazônia-1ª parte), do escritor Euclides da Cunha (1866-1909), publicado postumamente, que faz uma abordagem diferenciada das existentes na época, sobre alguns aspectos do pantanal brasileiro, essa porção do território nacional “que se estende por 140.000 km² dos Estados do Mato Grosso do Sul a Mato Grosso, em planícies sujeitas a inundações” (MOREIRA; SENE, 2004, p.148). Euclides contrapõe-se, principalmente, ao que chama de “fantasias de poetas”, em alusão às imagens da Amazônia produzidas por Alfred Russel Wallace (1823-1913), John Mawe (1764-1829), William Henry Edwards (1822-1909), Alcides Dessalines d’Orbigny (1802-1857), Carl Friedrich Von Martius (1794-1868), Henry Walter Bates (1825-1892) e Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873). Outros escritores ilustres também demonstraram suas preocupações com a Amazônia. O maranhense de Caxias, Antonio Gonçalves Dias (1823-1864),

publicou um trabalho em 1861 sobre a inspeção que fez a escolas públicas na região. O pernambucano de Recife, Gilberto de Mello Freyre (1900-1987), tratou do que chamou de “lusotopologia” da/na Amazônia.

Euclides da Cunha nasceu na fazenda Saudade, em Cantagalo, no estado do Rio de Janeiro, filho de Manoel Rodrigues da Cunha Pimenta e Eudóxia Alves Moreira Cunha. Após a morte de dona Eudóxia, quando tinha apenas três anos, Euclides passou a morar com parentes em Teresópolis, São Fidélis e por fim no Rio de Janeiro. Por volta dos dezessete anos conheceu Benjamin Constant Botelho Magalhães (1836-1891), intelectual positivista e republicano, no Colégio Aquino (1883). Com o seu ingresso na Escola Militar do Barro Vermelho (1886) reencontrou o antigo mestre, que complementou a influência decisiva na sua formação como militar e como pensador do Brasil.

Duas desventuras podem ser destacadas na trajetória de Euclides da Cunha. A sua frustrada incursão pelo magistério e a o seu casamento com Ana Emilia Ribeiro Sólón (nome de solteira). Esta senhora, durante o casamento com Euclides, manteve relacionamento com o também militar Dilermando de Assis, com quem teve dois filhos. O primeiro morreu logo e o segundo, a quem Euclides chamava de “a espiga de milho no meio do cafezal”, alusão ao fato do menino ser loiro em meio aos outros filhos negros (pardos), foi aceito como “legítimo”. O seu interesse por crianças dos outros pode ainda ser evidenciado pelo fato de Euclides ter adotado o “jaguncinho” Ludgero, quando da estada do jornalista como correspondente de O Estado de São Paulo, na Bahia, para acompanhar a “campanha de Canudos” pelo exército brasileiro. Desta experiência, como é sabido, surgiu o livro-reportagem *Os Sertões – Campanha de Canudos (1902)*, libelo de defesa dos sertanejos nordestinos, acusados injustamente pelo governo brasileiro de restauradores perigosos da ordem monárquica recém destituída.

O ensaio euclidiano “Terra sem História” constitui-se em mais uma possível demonstração do humanismo relativo^v de Euclides, vez que, orientado pelo governo brasileiro a contribuir, com os seus conhecimentos técnicos, no sentido do estabelecimento das fronteiras entre o Brasil e o Peru, transformou suas anotações em outro libelo de defesa. Desta vez em favor dos homens da Amazônia.

“Terra sem História” serve de fonte literária e histórica, pois mostra, em um texto com aspectos de literariedade, a preocupação, de caráter sócio-político-econômico, do escritor cantagalense, sobre a Amazônia. É certo, porém, que a leitura proposta evidencia aspectos do pensamento do escritor Euclides da Cunha, no entanto, cabe acreditar que a abordagem é propiciadora também de uma visão mais ampla sobre o universo pantaneiro nacional.

Euclides da Cunha é comumente nomeado como escritor pré-modernista, significando aquele cujo fazer literário transita entre elementos Simbolistas e Modernos. Convém registrar que no Brasil, quem mais tem demonstrado interesse pelas pesquisas da obra euclidiana é a professora da USP Walnice Nogueira Galvão^{vi}.

Euclides inclui como temas em sua obra o sertanejo nordestino, os caboclos do interior, o caipira, como formas de apresentar a realidade brasileira não-oficial. Encontram-se no seu conjunto de obras, aspectos estilísticos pontuados por uma linguagem que se avizinha de um teor científicista, descritivista/documental, o que, por vezes, dificulta uma aproximação do leitor com a sua produção literária. Isto considerando que “a palavra comum, e mais do que ela, a escrita é um risco total. De uma maneira geral, ninguém a lerá como o seu autor a concebeu” (LOURENÇO, 1987, p. 9). A linguagem euclidiana não se camufla com recursos figurativos, as palavras são arquitetadas ressaltando a melancolia suscitada pelas imagens formadas diante de seus olhos.

A representação do espaço amazônico é instituída por Euclides a partir de elementos importantes que servem para auxiliar o leitor a refletir sobre os problemas que enfrentam os pantaneiros no local ou à situação nessa grande faixa de terra, de matas verdes e águas perenes; de rios majestosos, que são escondidos pelos discursos ufanistas difundidos na mídia em geral. Vale ressaltar que as modificações realizadas nesse espaço, por processos naturais e, outras, realizadas pelo próprio homem (antrópicas), ocasionam mudanças que são fundamentais para remodelar o curso genuíno do lugar.

O ensaio “Terra sem História” (Amazônia-1ª parte), foco deste ensaio, foi escrito em 1909, após pesquisa de campo realizada entre 1904 e 1905. Está inserido no livro *À margem da História* (1999). Nele o escritor fluminense apresenta o universo amazônico a partir de uma linguagem seca e cortante,

“desferindo”, no leitor, “golpes” de realidade, usando de recursos lingüísticos que redimensionam as ideias estabelecidas. O autor se coloca como “um eu, não separado do mundo e seus problemas” (LOURENÇO, 1987, p.14), apresenta os referenciais dessa história, tem acesso às diversas formas de representação da paisagem brasileira, como se pode constatar a seguir:

Ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada. Além disto, sob o conceito estreitamente artístico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em imagens capazes de se fundirem harmoniosamente na síntese de uma impressão empolgante, é de todo em todo inferior a um sem-número de outros lugares do nosso país. Toda a Amazônia, sob esse aspecto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à ponta do Munduba (CUNHA, 1999, p. 1).

Conforme o escritor de Cantagalo, o Amazonas, com suas águas espraiadas e profundas, não apresenta o lirismo doce e sutil ao chegar às margens que o espreita. Nada há de extraordinário na harmonia daquele rio, pois, em outros lugares, o efeito é igual sem detalhes que o diferencie dos outros. A sua majestosa estrutura não é sinônimo de agregação, a sua inconstante organização junto à margem ribeirinha, favorece o deslocamento dos moradores que ornamentam o seu entorno. O escritor coloca-se como um observador que “cede às fadigas de monotonia inaturável e sente que o seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos sem-fins daqueles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares” (Ibid. p.2), perdendo o encanto de uma grande viagem.

A descrição euclidiana sobre o que compõe a flora e a fauna da Amazônia parece que corrobora o desapontamento sobre as leituras que já conhece sobre o lugar. Refuta o que tem de belo, o que parece comum aos habitantes pantaneiros, assume dimensões exorbitantes; apresenta o conjunto de florestas e animais com sinais de monstruosidade nas características formais de cada ser. Uma imagem cada vez mais nublada, cinzenta, desfocada de alegorias, traduz o sentimento da escrita euclidiana sobre o universo brasileiro. Seguem dois trechos sobre flora e fauna que aludem ao que se vem afirmando:

A flora ostenta a mesma imperfeita grandeza. Nos meios dias silenciosos - porque as noites são fantásticamente ruidosas - quem segue pela mata, vai com vista embotada no verde-negro das folhas; e ao deparar, de instante em instante, os fetos aborrecidos emparelhando na altura com as palmeiras, e as árvores de troncos retilíneos e paupérrimos de flores, tem a sensação angustiosa de um recuo às mais remotas idades, como se rompesse os recessos de uma daquelas mudas florestas carboníferas desvendadas pela visão retrospectiva dos geólogos (CUNHA, 1999, p. 2)

A fauna singular e monstruosa, onde imperam, pela corpulência, os anfíbios, o que é ainda uma impressão paleozóica. E quem segue pelos longos rios não raro encontra as formas animais que existem, imperfeitamente, como tipos abstratos ou simples elos da escala evolutiva. A cigana desprezível, por exemplo, que se empoleira nos galhos flexíveis das oiranas, trazendo ainda na asa de vôo curto a garra de réptil (Ibid. p.2).

Apesar do que observa nestes dois fragmentos, a respeito do conjunto de eventos que constituem o lugar Amazônia, o autor fluminense manifesta preocupação com a presença do homem e o poder que tem quando toma, invade e modifica o que encontra. Sua narrativa permeia de detalhes as relações do homem com a natureza, do homem com outros homens, do homem consigo mesmo. Para o escritor “o homem, ali, é ainda um intruso impertinente” (Ibid. p. 2). O espaço onde vive pode influenciar a vida do sujeito e das relações existentes.

Diante dos olhos de Euclides as paisagens se emolduram como janelas que se abrem para um grande cenário natural. Vai desconstruindo imagens que há muito validam as descritas por outros olhares menos céticos que os seus. As relações que observa são orquestradas pelo poder que uma imagem exerce sobre a outra, impingindo-lhes certo dissabor pelos encantos daquele lugar, considerado paradisíaco, solução para os grandes problemas ambientais sofridos pelo país e pelo mundo. Tudo o que ali está, estabelece sentido conforme as necessidades: o rio Amazonas com sua “volubilidade contagia o homem” (Ibid. p. 12) e moldura o percurso pelo grande itinerário que percorre; já para o “homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeje submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes,

quase sempre afugentando-o e espavorindo-o. A adaptação exercita-se pelo nomadismo” (Ibid. p 12).

A preocupação de Euclides da Cunha com o que se esconde nos discursos ufanistas leva o leitor, mesmo na contramão do estabelecido, a se perguntar: Como vivem esses sujeitos, viajantes das matas e das margens dos rios, nesse espetáculo natural? Que relações estabelecem entre si? As respostas não seriam simples. O autor chama a atenção do leitor para esses atores dos seringais amazônico, pois, segundo ele, “o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável. O seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se” (Ibid. p.12-13).

O desapontamento do escritor cantagalense aparece em forma de crítica e denúncia. O homem que ali está não é sujeito de sua história; está sujeito no mundo natural que habita; está refém de outros homens e das incertezas que o ambiente lhe oferece. A Amazônia é um espaço muito visitado, é local para diversas atividades, incluindo a turística, mas o escritor chama a atenção para o que não está nos cartões postais, para os indivíduos que também formam a nação brasileira. Os verdes da mata amazônica e todas as mensagens de preservação têm que incluir no “pacote sensacionalista”, os cuidados com a vida humana, com o homem que habita, sem carimbo de identificação, os recônditos das florestas brasileiras.

O ensaio euclidiano ‘Terra sem História’ amplia o conjunto de informações acerca do pantanal brasileiro. A riqueza de dados e elementos com que descreve o ambiente investigado serve para dar ao leitor subsídios necessários para pesquisas sobre esse tema, para uma nova tomada de postura. A sua vivência e a sua experiência de escritor influenciado pelo cientificismo de Spencer lhes possibilitaram deixar um documento, ainda que em forma de ensaio, que serve para que a sociedade brasileira conheça as condições do pantanal e da vida de muitas pessoas que contribuem, de alguma maneira, para formar o Estado nacional.

Nesta incursão ensaística, há uma leitura das idéias propostas por Euclides da Cunha acerca da Amazônia brasileira. Uma conclusão possível é que o escritor, pelo momento histórico ao qual comumente é associado, aponta

as deformações sócio-histórico-culturais de um Brasil que no início do século XX (1904-1909) ainda não demonstrava uma preocupação real com as outras regiões nacionais. Na falta de interesse e/ou na impossibilidade de um conhecimento objetivo na/para a época, o Centro-Sul do Brasil instituiu imagens subjetivas, idílicas, sobre as regiões não conhecidas, como o Norte, em parte influenciado pelas imagens de viajantes estrangeiros. Resta saber se hoje, com as condições materiais a disposição de um maior número de cidadãos, aquela parte do país já se encontra integrada como realidade nacional conhecida pelos brasileiros.

Fica, ainda, a certeza de um humanismo relativo em Euclides da Cunha e de que ele utilizou o espaço pantaneiro da Amazônia para ilustrar e provocar reflexões sobre essas disparidades instituídas sobre o território nacional, demonstrando que os estudos realizados, via literatura ou jornalismo, podem dar suporte para campos de trabalho como o antropológico, o sociológico, o histórico e até o geográfico.

REFERÊNCIAS

ANDREONI, J, A. **Cultura e opulência do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1967.

BENCHIMOL, Samuel. **Exportação da Amazônia Brasileira**. Manaus-AM: Valer, 1998.

BUARQUE, Cristovam. **A internacionalização do mundo**. Rio de Janeiro: Jornal O Globo, 10.10.2000 (artigo).

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Canudos: diário de uma expedição**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

DIAS, Antonio Gonçalves. 1861. **Documento nº 01 do Relatório da Província do Amazonas, 3/5/1861**. Relatório da inspeção das escolas do rio Solimões, Amazonas.

FREYRE, Gilberto. **A Amazônia Brasileira e uma possível lusotopologia**. Rio de Janeiro. Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia. 1964, 45 p. (Coleção Araujo Lima, nº 14).

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclidiana: Ensaio sobre Euclides da Cunha**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

_____. **Euclides da Cunha – Militante da República**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LOURENÇO, Eduardo. **Tempo e poesia**. Lisboa: Relógio d'água, 1987.

MOREIRA, J. C.; SENE, E. **Geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2004.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Amazônia e a cobiça internacional**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

SIMONSEN, Roberto. **História econômica do Brasil (1500-1820)**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; São Paulo: Edusp, 1976.

SAINT-HILARE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1939.

SILVA, Roberto Gama e. **Olho Grande na Amazônia Brasileira**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

SPIX, J. B. Von; MARTIUS, C. F. P. Von. **Viagem pelo Brasil**. Rio de Janeiro. IHGB/Imprensa Nacional, 1938.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

VÁRIOS AUTORES. **As concessões de florestas públicas na Amazônia Brasileira**. Piracicaba-SP: Imaflora, 2010.

-
- i - Francinaldo de Jesus Morais, Mestre em História do Brasil (UFPI), autor do livro *Ecoss da Escravidão: memórias e imagens identitárias de indiv duos negros em Caxias-MA (1980-2008)*, publicado pela Ética Editora, Imperatriz-MA.
 - ii - Professora de Teoria Literária do CESC-UEMA. Aluna do curso de doutorado em Ciência da Literatura (UEMA-UFRJ).
 - iii - A Carta de Caminha é considerada a Certidão de Nascimento do Brasil e junto com a Carta do Mestre João Faras, tornada pública em 1843 pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, e a Relação do Piloto Anônimo, que na verdade pode ter sido escrita por João de Sá, capitão da segunda viagem dos portugueses a Índia, formam os três documentos primários que tratam do "achamento" lusitano do Brasil.
 - iv - Cf. <<http://www.noticiasdaamazonia.com.br/amazonialegal/>> capturado em 10.10.2011.
 - v - As influências das formas dominantes de pensamento da sua época, os determinismos a Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), um cientificismo a Auguste Comte (1798-1857) e um evolucionismo a Herbet Spencer (1820-1903), impediram Euclides da Cunha de adotar um humanismo absoluto que incluísse negros e mestiços.
 - vi - Os estudos da professora livre-docente Walnice Nogueira Galvão concentram-se nas áreas de Teoria Literária e Estudos Comparados. Ela foi a primeira assistente do crítico literário Antonio Candido. Entre os seus vários trabalhos sobre o escritor cantagalense, destacam-se *Euclidiana: Ensaio sobre Euclides da Cunha (2009)* e *Euclides da Cunha - Militante da República (2010)*.